



“ELE FOI CAPAZ DE INTRODUIR NO MOVIMENTO DOS CONCEITOS O MOVIMENTO DA VIDA”

Entrevista com José Gil

O lance do divino jogador de dados estava claramente a nosso favor dessa vez. Estávamos fechando o “Dossiê Gilles Deleuze”, quando ficamos sabendo que na semana seguinte José Gil estaria em Porto Alegre para participar do evento “Corpo, arte e clínica”, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a coordenação das professoras Tânia Mara Galli Fonseca, Cláudia Maria Perrone e Selda Engelman. E, ali, naquele anexato ponto do virtual em que a diferença intromete uma idéia, nos ocorreu que uma entrevista com José Gil ajudaria a dar o toque final no agenciamento que estava produzindo o nosso dossiê. Parecia difícil obter a entrevista, mas não foi. Tânia Fonseca, amigável e gentilmente, dispôs-se a fazer chegar a José Gil o nosso convite, que foi imediatamente aceito. A entrevista foi realizada no dia 7 de abril de 2003, no Hotel Embaixador. As questões foram feitas por Sandra Mara Corazza e Tomaz Tadeu. Estavam também presentes Paola Menna Barreto Gomes e Fabiana de Amorim Marcello. A transcrição da gravação foi feita por Fabiana de Amorim Marcello, com edição final de Sandra Mara Corazza e revisão de Tomaz Tadeu.

Podia-se sentir, talvez, uma certa tensão no ar, quando começamos a entrevista. Nenhum de nós conhecia pessoalmente José Gil. Tínhamos ambos, Sandra e Tomaz, nos preparado para a entrevista, mas não podíamos deixar de nos sentir um pouco intimidados por ter de fazer questões a alguém por cujo pensamento nutríamos enorme admiração e respeito. Mas a suavidade, a generosidade e a simpatia de José Gil acabaram, pouco a pouco, por nos deixar todos muito à vontade e muito tranqüilos. E foi comovente, muito comovente, vê-lo falar tão “simplesmente” sobre coisas tão intensas. A tal ponto que quando ele caracterizava o “mestre” Deleuze, não podíamos deixar de pensar que estava caracterizando a si próprio.

Nascido, em 1939, em Moçambique, José Gil estudou filosofia na Universidade de Paris e é professor na Universidade Nova de Lisboa. Algumas de suas publicações: *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações* (Relógio D'Água, 1987); *Monstros* (Quetzal, 1994); *O espaço interior* (Presença, 1994); *A imagem-nua e as pequenas percepções* (Relógio D'Água, 1996); *Metamorfoses do corpo* (Relógio D'Água, 1997); *Diferença e negação na Poesia de Fernando Pessoa* (Relume-Dumará, 2000); *Movimento total: o corpo e a dança* (Relógio D'Água, 2001). Sobre o confronto Badiou/Deleuze, mencionado de passagem por José Gil nesta entrevista, pode-se consultar seu ensaio “*Quatre méchantes notes sur un livre méchant*”¹, bem como os ensaios de Arnaud Villani², Eric Alliez³ e do próprio Alain Badiou⁴ sobre o mesmo tema, no site da versão *on-line* da revista *Multitudes*⁵ (Sandra e Tomaz).

Educação & Realidade: Gostaríamos de começar com algumas questões, vamos dizer mais “pessoais” ou mais “humanas”, acerca de sua trajetória intelectual, de sua formação, sua relação com a obra de Deleuze, para depois fazer questões relativas aos interesses expressos nos seus livros que conhecemos. Poderia fazer isso brevemente?

José Gil: Sim. O difícil é que seja breve, mas é muito fácil, porque eu comecei realizando uma licenciatura em matemática, depois mudei para filosofia quando saí de Portugal e fui para a França. E eis que essa filosofia que encontrei na França (eu vinha de uma ditadura onde a história da filosofia que contavam terminava em Kant, depois de Kant não havia mais nada...), maravilhou-me porque eram mestres famosos, como Jean Wahl e Henri Gouhier, por exemplo, pessoas muito conhecidas; ainda fui do tempo em que se podia ver na rua pessoas como Merleau-Ponty e Sartre... Era um clima especial. Na Sorbonne, que era a

1. (http://multitudes.samizdat.net/spip/article.php3?id_article=411)

2. (http://multitudes.samizdat.net/spip/article.php3?id_article=410)

3. (http://multitudes.samizdat.net/spip/article.php3?id_article=216)

4. (http://multitudes.samizdat.net/spip/article.php3?id_article=217)

5. (<http://multitudes.samizdat.net/>)

única faculdade de Letras que havia nesse tempo em Paris, nós estávamos sob a influência fortíssima da fenomenologia, dada por Paul Ricoeur, que era um jovem professor, e por outros, como Birault.

Educação & Realidade: Em que ano foi isso?

José Gil: Isso era nos anos 60. Nós tínhamos professores assistentes que também seguiam a fenomenologia ou não a seguiam, mas, realmente, além da psicanálise que começava a ter sua importância com Lacan, não havia senão fenomenologia. Tínhamos um assistente que aparecia de vez em quando, que já estava em Lyon, que se chamava Gilles Deleuze e cujos cursos sobre Platão eram absolutamente extraordinários. Mas, daí a pouco, ele desaparecia. Ele era um dândi... E é curiosíssimo: dândi tem a ver com devir. No início, Deleuze era um dândi, depois deixou de ser, passou a ser outra coisa, passou a ser outros devires.

No final dos anos 60, nós – “nós”, não era só eu, e não tem nada de original porque essa trajetória era a mesma de muitos estudantes de filosofia na França – aspirávamos a outra coisa que não à fenomenologia, porque ela, em nosso entendimento, tinha esgotado a própria filosofia. E maio de 68 rebentou ... Então, vimos, por um lado, desaparecerem muitos de nossos colegas de formação filosófica, que foram para outras disciplinas, para a Linguística, para a Psicanálise. Muitos de nós abandonamos a filosofia, para viver. Eu, por exemplo, vendi a minha biblioteca na Feira da Ladra. E não me arrependo.

Educação & Realidade: A biblioteca de filosofia inteira?

José Gil: A biblioteca de filosofia inteira. Vivia-se em um ambiente extremamente complicado com políticos, com De Gaulle. Um problema político que se espalhava sobre todo o campo social.

Educação & Realidade: Isso aconteceu antes de 68?

José Gil: Antes do movimento de 68. Como eu disse, havia uma espécie de estilhaçamento por causa das questões universitárias, do próprio pensamento filosófico, através dos nossos mestres, da educação filosófica que recebíamos, etc. Acontece que, já no ano de 68 e durante 69, havia um rumor que corria em Paris, algo extraordinário que estava sendo feito em Vincennes, por Deleuze, o qual, entre muitos, como Derrida, tinha sido um dos meus professores assistentes. E, eu fui a Vincennes! Fui a Vincennes e isso modificou completamente a minha vida, assim como para muita gente. Modificou a minha vida porque eu tinha renunciado à filosofia e, de repente, deparei-me com alguém que falava diferente e cuja pedagogia era totalmente diferente daquilo que nós chamávamos um “mandarinato!”. Alguém que estava experimentando o *Anti-Édipo* e cujas idéias, sobretudo sobre o desejo, na época, eram idéias jamais ouvidas antes por nós. O que fazia com que aqueles cursos de Deleuze fossem tortuo-

sos, com muita gente, com uma intensidade extraordinária de pensamento, com intervenções, com críticas. Havia doidos, havia personagens extraordinários, havia psicanalistas, havia estudantes, havia de tudo! E aí, eu, como muitos outros, me reconciliei com a filosofia. Esse encontro com Deleuze não foi com o Deleuze que eu já conhecia, mas com o novo Deleuze, um Deleuze não dândi, um Deleuze que parecia mais um Humphrey Bogart, vestido sempre com aquele *impermeable*, com barba por fazer há três, cinco dias. Às vezes, ele aparecia com um olhar como se tivesse vivido experiências estranhas, o que possivelmente não era falso. Esse encontro permitiu-me de novo pensar filosoficamente e foi uma experiência que aconteceu a muita gente. Depois, em um seminário de Deleuze, eu conheci uma mulher corsa que também repercutiu em meu trajeto intelectual. Eu era professor-assistente em Vincennes, dois anos depois abandonei tudo e fui com ela para Córsega.

Educação & Realidade: Desculpe a indiscrição: amorosamente?

José Gil: Amorosamente. Foi uma outra experiência radical porque, se eu me interessei pelo corpo, digamos de modo explícito, filosoficamente, foi pela realidade que eu encontrei na Córsega. Eu era um ser urbano, sempre vivera nas cidades e de repente encontrei-me com gente diferente. Fazendo uma comparação: eu tive a mesma experiência que tem um etnólogo francês, que nasceu em Paris, viveu sempre em Paris, e que sai de Paris para viver dois anos com os ianomâmis na Amazônia. E volta de lá completamente transformado. Eu vi muitas pessoas viverem essa experiência, na qual a relação do si com o mundo, com as coisas, passa a ser completamente diferente. Tem que se repensar tudo. Ora, acontecia, na Córsega, uma relação fortíssima com os elementos, com as forças sociais, porque era uma época revolucionária. Era época dos assaltos às caves de vinho, em Aléria, com intervenção de tropas francesas, morreram pessoas, etc. E isso eu vivi, o que quer dizer que eu vivi uma experiência completamente nova, que dava um lugar essencial ao pensamento e ao corpo, e que era o pensamento que estava sendo reelaborado através de Deleuze. Ao mesmo tempo, tudo isso se atropelava com outros campos, com o campo político, com o campo social, porque a sociedade córsega é uma sociedade completamente específica, as relações são extraordinariamente afetivas, a noção de intensidade é uma noção que tem ali imediata e constantemente a sua efetivação. Eu escrevi um livro sobre a Córsega, no qual contava essa história tão intensa...

Educação & Realidade: Qual é o seu livro sobre a Córsega?

José Gil: Chama-se – o título é muito feio – *La Corse, entre la liberté et la terreur* [Paris: Éditions de la Difference, 1984].

A intensidade era tanta que eu vi, por exemplo, franceses não agüentarem a Córsega. As relações de amizade, as relações sociais, as relações de amor eram de tal maneira intensas que obrigavam à reciprocidade. Vinha o francesinho

urbano que tinha também que corresponder a elas e não era possível porque não tinha intensidades suficientemente fortes. Então, ele ia-se embora.

Educação & Realidade: Como português, o senhor tinha um pouco dessa coisa francesa, mas menos talvez...

José Gil: Eu tinha uma coisa dessas francesas, sim, só que eu vinha da África. E o filho de um colono, um branco na África, vive uma experiência primordial de intensidade. É uma experiência com os elementos, por exemplo, uma experiência que se tem com as pessoas próximas, ou com as pessoas às quais nos ligamos afetivamente, que consiste numa experiência não mediada pelas palavras, muitas vezes, porque a linguagem do mundo está nos postos indígenas. São os indígenas que sabem o nome das árvores, o nome das colinas, o nome de tudo. Nós só temos a linguagem da geografia da metrópole, que não corresponde às flores, nem a nada. O resultado é que a relação entre nós e o corpo, com o nosso corpo e os elementos, é uma relação imediata, fortíssima também.

Educação & Realidade: O seu livro principal sobre o corpo *Metamorfoses do corpo* [Lisboa: Relógio D'Água, 1997] é dessa época?

José Gil: Pertence a essa época, mas antes eu vivi na Córsega, depois o escrevi.

Educação & Realidade: Podemos dizer que *Metamorfoses do corpo*, além dessa vivência na Córsega, reflete a sua fase mais fenomenológica?

José Gil: (Pausa) Não.

Educação & Realidade: Nós percebemos assim, sobretudo, se o compararmos com a sua produção atual sobre Deleuze.

José Gil: Talvez.

Educação & Realidade: Talvez, fosse uma obra de transição.

José Gil: Talvez fosse. Eu sempre penso, ainda hoje penso que a fenomenologia é, num certo campo, imprescindível, como no da descrição dos fenômenos. Acontece hoje que os fenômenos mais importantes são outros. Bem, o meu trajeto foi esse. Depois tive que voltar da Córsega por razões financeiras. Não conseguia lugar como professor de liceu e a ilha é fechadíssima. Fui expulso de um colégio particular, onde eu dava aulas de filosofia, unicamente por razões administrativas, porque ajudei uma pessoa que queria se inscrever na segurança social. Ora, então, não se fazia isso. O colégio não inscrevia as pessoas na segurança social, como era de lei, e eu solidarizei-me com elas e o colégio me expulsou. Por dois anos, vivi outra experiência extraordinária, até que voltei definitivamente para Paris, fiz a tese de doutorado e fui a Portugal para ver a revolução, até que, finalmente, ofereceram-me um lugar que eu aceitei, e foi então que fecharam todas as universidades da França. Todas. Eu fiquei entala-

do, para não dizer encurralado, em Portugal, porque é um país muito difícil. Pronto, mais nada!

Educação & Realidade: Que não é pouco! Mas, nós ainda queríamos perguntar, com base nessa sua exposição, se aquela vez que o senhor largou a filosofia foi “para viver”?

José Gil: Sim, era um sentimento geral. A fenomenologia cortava-nos da vida, justo ela que fora feita precisamente para criar um laço imediato com as coisas! Ela nos cortava completamente da vida, isso quer dizer que era um peso: os cursos do Ricœur, do Birault sobre o Heidegger... tudo isso era um peso! O novo discurso que apareceu com Deleuze foi, para centenas de antigos alunos, uma espécie de descoberta, um (re)contato, uma (re)elaboração de um certo tipo de pensamento ao qual se tinha renunciado. Descobríamos que podíamos pensar Kant ou Husserl de uma outra maneira, sem que se tivesse necessariamente que fazer qualquer ligação de força.

Educação & Realidade: Mas, Deleuze, ele próprio não era fruto dessa pedagogia que o Sr. estava condenando? Toda obra de Deleuze mostra o seu percurso, que é o de um aluno de filosofia tipicamente francês de todo desse século. Deleuze faz toda essa reelaboração, contudo, ela não foi possível apenas por ele haver passado pela pedagogia do “mandarinato”? Ou não seria preciso passar por ela, ou talvez passar de outra maneira?

José Gil: Acho que sim. Como quando ele diz, por exemplo, que não poderia ter escrito *O Anti-Édipo* [*O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966, escrito em colaboração com Félix Guattari], nem *Mil platôs* [*Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, vol. 1 – 1995; vol. 2 – 1995; vol. 3 – 1996; vol. 4 – 1997; vol. 5 – 1997, escrito em colaboração com Félix Guattari], nem, finalmente, ser o segundo Deleuze que ele foi, se não tivesse encontrado o Félix Guattari. Eu vejo nisso precisamente uma experiência de práticas e de pedagogias novas. Deleuze era um homem integrado.

Educação & Realidade: Integrado?

José Gil: Integrado no sistema filosófico, era um grande comentador da filosofia. Tinha escrito um livro sobre Hume [*Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Ed. 34, 2001] que tinha feito um grande sucesso, que tinha tido um enorme impacto naquele meio pequenino, que era o meio universitário francês. E toda gente já respeitava Deleuze e a sua inteligência. Ele já era reconhecido e considerado, embora, dentro do sistema. Depois, ele foi para Lyon. Então, não escreveu mais nada, ou quase não escreveu, durante oito anos. Nesses oito anos ele elabora e reelabora o seu próprio pensamento. Se me permitem repetir uma frase que me foi dita pelo orientador de minha tese, o François Châtelet, que era muito amigo de Deleuze e foi seu companheiro de Escola Normal Superior – embora, dizer frases de Deleuze, ou de

qualquer pessoa que esteja morta é sempre muito fácil, acontece que é verdade –, que me disse ter ouvido de Deleuze, quando este saiu da Escola Normal Superior, o seguinte: “Meu caro, eu vou ter a minha filosofia!”. Foi o que ele fez.

Educação & Realidade: Deleuze tinha, então, uma ambição definida?

José Gil: Tinha, e por razões que ele mesmo explica. Deleuze era um deslocado relativamente a essas correntes maiores da academia. O que lhe interessava era o empirismo inglês, era Bergson, que sempre interessava os franceses, é claro, mas que não estava na moda. Deleuze já tinha uma outra maneira de pensar. E ele levou oito anos para saber, finalmente, o que ele queria pensar. E saíram daí os seus dois grandes livros iniciais, sobretudo, *Diferença e repetição* [Rio de Janeiro: Graal, 1988], seguido de *Lógica do sentido* [São Paulo: Perspectiva, 1982]. Depois, se ele tivesse ficado nesses dois livros não teria sido o Deleuze que nós conhecemos. Portanto, a experiência de que vocês falam, eu a ligo, evidentemente, a maio de 68, mas também porque ele próprio dizia isso a Guattari, que, tenho a impressão, o deslocou totalmente em relação a uma certa idéia do pensamento e da ação política, que Deleuze, sem Guattari, talvez não tivesse elaborado.

Educação & Realidade: Uma das coisas que temos curiosidade de saber sobre essa relação dele com o Guattari, é se o Sr. tem alguma idéia, alguma intuição, ou até alguma informação sobre como é que se pode escrever livros como *Mil platôs*, por exemplo, juntos? De que maneira eles escreviam, que processo seria esse da escrita conjunta? Ficamos imaginando se seria assim: “Você escreve um parágrafo, eu escrevo outro”, ou “Você escreve uma frase, eu outra; eu escrevo um capítulo, você outro”?

José Gil: Deleuze e Guattari escreviam ou capítulos inteiros cada um, ou um escrevia partes de capítulos, e depois o outro introduzia alguns trechos naquele capítulo. Por exemplo, o capítulo sobre “Rostidade” [in *Mil platôs*, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, p. 31-61]: a primeira grande parte, ou dois terços dele pelo menos foram escritos por Guattari – e isso é uma coisa que eu sei por acaso.

Educação & Realidade: É possível sentir-se isso...

José Gil: Sente-se. Deleuze explica-se um pouco sobre a maneira como eles trabalhavam, como eles escreviam. E depois havia uma grande amizade. A impressão que eu tenho é que havia uma espécie de escrita final, de revisão final da escrita, feita por Deleuze.

Educação & Realidade: Pelo Deleuze?

José Gil: Pelo Deleuze, sim. Por que não seria dele a escrita final? Vejam que a diferença entre a escrita de *Mil platôs* e, por exemplo, a de *Lógica do sentido* não é tão grande como a diferença de escrita entre *Mil platôs* e qualquer livro do Guattari. A escrita do Guattari é “impossível”... Infelizmente.

Educação & Realidade: Sobre a questão da pedagogia, que nos interessa muito, há algo que nos chama a atenção: a total falta de preocupação pedagógica de Deleuze, especialmente, nos seus primeiros livros, como *Diferença e repetição* ou *Lógica do sentido*. Neles, não há nenhuma concessão a qualquer didatismo, não há nenhuma explicação, inclusive, várias referências são elípticas, outras são até mesmo misteriosas. Isso contrasta um pouco não só com *Mil platôs*, mas também com aqueles seminários seus, que foram transcritos sobre Spinoza, que encontramos na internet, ou mesmo se o escutamos naquelas entrevistas do *Abecedário* [*O abecedário de Gilles Deleuze*. In: <http://www.ufrgs.br/faced/tomaz>]. Parece-nos que é todo um outro Deleuze, que é toda uma outra pedagogia, que é toda uma concessão, uma explicação, que é um Deleuze pleno de exemplos concretos, com o gesto típico de fazer listas numeradas, *numéroter*. Há aí um contraste entre, primeiro, os livros e as aulas, segundo, entre os livros, os seminários e o *Abecedário*. Em termos pedagógicos, parecem ser duas pessoas completamente diferentes...

José Gil: Claro! A impressão que eu tenho, porque assisti, é que a pedagogia e o ensino de Deleuze são dois: antes e depois do corte que há entre *Lógica do sentido* e o *Anti-Édipo*, ou seja, maio de 68. Assisti a essas duas maneiras de ensinar e verifiquei o seguinte: Deleuze era ofuscante antes de maio de 68, mais pelas idéias, pela inteligência e por um charme que ele tinha. Ele tinha um charme que sabia que tinha, ele estava consciente desse charme, e o usava um bocado ironicamente, utilizando as luvas brancas (por causa das unhas, possivelmente) e a maneira como falava com as mãos, no quadro. Todas aquelas eram estratégias de sedução. Depois de maio de 68, sua pedagogia modifica-se completamente. A impressão que eu tenho é que o próprio Deleuze foi aprendendo a sua pedagogia nos primeiros anos de experimentação. Eu chamo isso de “a experimentação pedagógica do ensino do *Anti-Édipo*”. Porque o *Anti-Édipo* é inimaginável, não se reproduziu, nem Foucault, nem Châtelet, ninguém fazia cursos assim. As aulas de Deleuze eram apinhadas de gente, fumo e fumaça por todo o lado, de vez em quando, as pessoas gritavam, tinha-se que abrir as janelas e ele esperava, como sempre, muito calmo. Depois, alguns intervinham, riam-se para Deleuze e diziam: “Deleuze, ainda estás muito longe da loucura!” (como dizia um louco que lá estava). E Deleuze respondia: “Mas eu bem procuro, eu bem procuro aproximar-me!”. Não havia, aparentemente, nenhum mandarinato, quer dizer, nenhuma hierarquia entre o professor e os alunos. Isto mesmo materialmente: ele sentava-se em uma cadeira, no mesmo nível que todos os outros que o rodeavam ou que ficavam em pé...

Educação & Realidade: E essas aulas nunca eram lidas?

José Gil: Não eram lidas, embora ele trouxesse papéis. De vez em quando, ele olhava para os papéis e falava – isso é o que eu admirava extraordinariamente nele, porque eu também ensino e tem a ver com a voz – em um tom normal de voz.

Ou seja, quem ouvia, ouvia, e quem não ouvia, não ia pedir-lhe para levantar a voz, o que implicava que às vezes era muito difícil ouvi-lo. Depois, quando ele passou a ensinar em Vincennes, as aulas eram completamente diferentes: parecia que não se ouvia uma mosca, porque se tinha que ouvir o que ele dizia.

Educação & Realidade: O senhor ouviu também Foucault. Gostaríamos de saber o contraste.

José Gil: Completamente diferente. As aulas de Deleuze eram extremamente *détendues* – quer dizer, extremamente acolhedoras para qualquer singularidade que aparecesse por lá, da mais bizarra até as manias mais esquisitas de alguém –, eram aulas em que não havia propriamente disciplina, no entanto, tudo era conduzido por um pensamento poderoso que se manifestava. Quando havia demasiado barulho, Deleuze calava-se, nunca manifestava aborrecimento, nem elevava a voz quando se passavam certas coisas e se houvesse demasiado barulho, demasiadas interrupções, ele se calava, esperava.

Educação & Realidade: E as aulas de Foucault eram mais ao estilo da cátedra?

José Gil: Eram catedráticas e eram tensíssimas. Saía-se das aulas de Foucault em estado de choque, quase como as de Lacan, mas Lacan era diferente... Foucault dava aulas que eram uma corrente de tensão e de inteligência permanentes que não repousavam durante duas horas. Nós o recebíamos como se estivéssemos bebendo de uma fonte, com uma tensão sempre dura, agudíssima e que se impunha também por sua voz, por seu ritmo, pela impossibilidade de intervir nos seus cursos. Isso era muito esquisito... Nos cursos do *Collège de France* era nítido: praticamente, não havia intervenções. Não é que Foucault fosse um homem de cátedra, mas ele expunha as suas investigações desse modo. Ele era assim, um homem cuja inteligência agudíssima se manifestava numa tensão permanente, ininterrupta. Já Deleuze era completamente diferente. Se quiserem ter uma boa idéia – possivelmente para pensarem depois, porque vocês têm trabalhado a questão da pedagogia e da educação em Deleuze –, eu tenho vários exemplos sobre a recepção de sua pedagogia pelos alunos que estavam nos cursos de Deleuze e que eram, por acaso, quatro mulheres que vinham de domínios completamente diferentes, sem se conhecerem. Uma era pintora, professora de gravura e pintura; outra era jornalista; a outra era estudante de música e dança; e havia uma crítica literária também, e todas elas, curiosamente, eu conhecia. Por razões diferentes, elas me abordaram por algo que eu tinha escrito, acabamos conversando e falando sobre Deleuze, que tinha acabado de morrer – talvez fosse por isso. E eu ouvi dessas quatro pessoas totalmente diferentes a mesma idéia, às vezes exposta da mesma maneira, e que era a seguinte: “Eu fui aos cursos de Deleuze, aos seminários de Deleuze” – que ele dava em Saint-Denis, portanto, já eram outros cursos –, “eu ia para lá e tinha a impressão que não entendia a maior parte das coisas que ele dizia, mas eu percebia o que ele dizia e a maneira como ele dizia, e isso fazia com que eu sásse de lá com uma

vontade de viver, e com uma vontade de que viver fosse diferente, extraordinário”. Eu ouvi isso uma, duas, três, quatro vezes, e disse: “Bem, o que há aqui? Ora, eu tive essa mesma impressão também!”. É que, ali, havia qualquer coisa do ponto de vista da pedagogia, precisamente.

Educação & Realidade: Queremos, agora, passar para outro tipo de questão mais temática sobre a produção de José Gil “com” Deleuze. Em seu livro *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa* [Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000], o Sr. afirma que realizará um “transporte de conceitos” (p. 9-10), significando com essa expressão o seguinte: “utilizar quase sistematicamente os conceitos deleuzianos para esclarecer problemas levantados pela poesia pessoana”, ou seja, não comparar Pessoa e Deleuze, mas, trazer para o comentário do texto pessoano, instrumentos conceituais deleuzianos. Gostaríamos de propor o desenvolvimento desse seu aporte, digamos “de método”, atraindo-o para o campo da pesquisa em Educação, e pensar o seguinte: 1) se quisermos usar a obra deleuziana para criar e analisar problemas educacionais, e utilizar essa sua idéia de “transporte de conceitos”, quais operações ficam implicadas nessa formulação “quase sistematicamente”? 2) O Sr. considera pertinente essa utilização de conceitos deleuzianos, para ler e escrever problemas da Educação, mesmo que esse transporte não seja legitimado pela afinidade que o Sr. encontrou entre os pensamentos de Pessoa e Deleuze? Mesmo que o pensamento educacional hegemônico atual não tenha qualquer afinidade com o pensamento de Deleuze, que esses pensamentos não possam ser lidos lado a lado, nem que se encontrem conceitos comuns entre eles? 3) Em outras palavras: utilizar a conceitualização de Deleuze para pensar a Educação não pode caracterizar o que o Sr. expressa como algo da ordem de “transposições forçadas ou identificações ilegítimas” (p. 12), justamente, pela ausência de afinidade entre os dois planos de pensamentos?

José Gil: Eu diria, para começar pelo mais difícil, que essa transferência de conceitos é uma transferência que se faz quase naturalmente, porque o plano de pensamento, o plano de consistência de Pessoa e Deleuze é da mesma ordem e é forjado na mesma ordem. Por outro lado, o pensamento da diferença é de tal maneira elaborado coincidentemente, num e noutro caso, sobrepondo-se muitas vezes de tal forma, que não é difícil pensar Pessoa através de Deleuze. Não são apenas conceitos de Deleuze que são usados para pensar a obra pessoana, mas o próprio Deleuze faz uma transferência de conceitos, por exemplo, em *O que é a filosofia?* [com Guattari, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992], quando ele fala dos heterônimos para os personagens filosóficos ou personagens conceituais. Para o domínio da educação, como fazer? Eu tenho a impressão – se me permitem – que isso tem a ver, possivelmente, com o que produzia o ensinamento de Deleuze nas pessoas, com o tempo expandido nas horas de seus seminários e, portanto, com o efeito que o seu ensinamento provocava no relacionamento entre as pessoas que diziam: “Não compreendemos tudo, longe disso, mas saímos de lá com uma vontade de viver extraordinária. Ele libertou em nós uma série de flu-

xos...” Essa era uma particularidade única em Deleuze, que eu atribuo à maneira como ele foi capaz (e foram muito raros os que foram capazes disso, como Nietzsche, que era um outro desse tipo, mas era diferente) de introduzir, no movimento dos conceitos, o movimento da vida. Quer dizer que aquilo que há pouco eu estava dizendo em relação a uma série de exemplos que explicam o efeito de seu ensinamento enxerta-se nessa sua particularidade única. Deleuze fazia com que a pessoa entrasse no seu movimento de pensamento e isso por contaminação, porque todo o pensamento, todo grande pensamento fascina, e o dele fascinava. Por contaminação, entrava-se dentro do pensamento que ele pensava, e que era um pensamento que – desculpem-me a banalidade – libertava, como ele diz. Libertava para a vida, libertava a vida das pessoas, e que não eram filósofas, não compreendiam os conceitos que ele empregava e que eram conceitos duros. Ora, a transposição para o campo da educação poderá ser feita assim: encontrar no plano da educação precisamente um pensamento e uma maneira de pensar que abram os conceitos, que forcem os conceitos a abrir-se. Isso significa muita coisa e tem de ser analisado, porque há dois grandes regimes de pensamento (Nietzsche caracterizou vários regimes de pensamento): nós temos conceitos que são conceitos quase entrópicos da vida, quer dizer, absorvem a vida de tal maneira e ficam secos, e essa era a maneira como nós sentíamos a fenomenologia e os conceitos fenomenológicos antes de maio de 68 – que eles já não tinham nada a ver com a vida! E depois aparece, precisamente, um outro filósofo que fala de Duns Scot e está a falar da vida, da nossa vida! Mas como isso é possível?

Educação & Realidade: Isso poderia ser expresso, talvez, por um termo, se não nos enganamos, que só aparece em *O que é a Filosofia?*, de passagem e de forma meio misteriosa, e que é o termo “pedagogia do conceito”? Isso seria o que o Sr. descreveria como sendo a “pedagogia do conceito” naquela época?

José Gil: Sim, possivelmente. Aliás, reparem que o conceito aparece imediatamente ligado a velocidades, a movimentos, etc. E, naquelas aulas, não há a velha idéia de conceito que Deleuze critica, mas a que ele praticou e que aprendeu com Duns Scot. O discurso oral e o discurso indireto, a propósito de Deleuze, tem a ver com isso. Ele tinha uma frase (que não está nos livros), quando ensinava em Vincennes: “Não sei por que vocês acham o *Anti-Édipo* tão difícil. Ele é fácil! O *Anti-Édipo* é para ser lido por crianças de oito anos!”. (Se havia uma contestação nossa sobre a dificuldade do *Anti-Édipo* era porque aquilo tudo era tão novo, tão novo, que havia uma dificuldade intrínseca). E nós dizíamos: “Cá está o Deleuze com suas *boutades!*”. Hoje, eu hesito: era uma *boutade* e não era uma *boutade*. Hesito porque é claro que, se falarmos a uma criança de oito anos no corpo-sem-órgãos, a criança não compreenderá, mas é possível que ela entre em um movimento de conceitos, quer dizer, em um movimento de pensamento, o qual será recebido pela criança que pode perfeitamente compreender uma noção tão complexa como a de corpo-sem-órgãos, por causa desse movi-

mento e porque ela entrou no movimento! Então, ela poderá dizer: “Corpo-sem-órgãos eu não compreendo bem”, mas, não é isso que nos interessa e sim o movimento do conceito em que a criança entrou.

Educação & Realidade: Talvez, haja essa dificuldade da transposição de conceitos entre Deleuze e a Educação, que não seria a mesma que ele fez com a poesia de Fernando Pessoa, mas, por outro lado, há elementos no pensamento de Deleuze que se conectam diretamente com questões pedagógicas e educacionais e uma delas é a questão do aprender. Acharmos que é uma questão extremamente importante em Deleuze, sobretudo em articulação com toda a reflexão que ele faz sobre o pensar. Quer dizer, há essa conexão clara e uma insistência em definir o aprender que vai junto com a concepção que ele tem do pensar como diferencial, como diferenciação. No *Prefácio* que o Sr. escreveu para a edição portuguesa de *Diferença e repetição* [Lisboa: Relógio d’Água: 2000], o Sr. também insiste nessa questão do aprender, que nos interessa muito.

José Gil: A transposição pode ser feita também levando-se em conta que, na pedagogia – e isso tem a ver precisamente com a aprendizagem –, há que considerar sempre uma noção que é a noção de diferença e de unidades diferenciais. A diferença é uma noção, como quase todas as de Deleuze, que parece fácil, mas é das que são mais difíceis. Ora, transmitir um ensinamento, transmitir conteúdos implica o contrário de uma diferença, implica uma homogeneização, uma conservação, de tal maneira que o que se transmite continue intacto, e que seja o mais fiel possível, de modo que aquele que recebe um conteúdo, o receba o mais fielmente possível em relação ao que foi transmitido. Se nós introduzimos aí a noção de diferença tudo se transforma, tudo se torna mais rico. Eu estou convencido que o que fazia com que um ouvinte de Deleuze ouvisse Deleuze era que Deleuze estava falando, então, o ouvinte abria em si próprio as diferenças. Portanto, esse ouvinte estava descobrindo a novidade em si mesma, estava abrindo diferenças de pensamento e que eram diferenças que tinham a ver com o corpo, se fizesse uma aprendizagem como a da natação, por exemplo. Nessa pedagogia, a noção de diferença é fundamental.

Educação & Realidade: Poderia se estabelecer uma conexão com Deleuze e o que ele fazia em ato, de abrir as diferenças quando ensinava, quando falava, e Alberto Caeiro, tal como o Sr. o analisa, em sua função de “mestre”, nas suas relações com os discípulos-heterônimos Reis, Campos, Soares ou com o ortônimo Pessoa-ele-mesmo?

José Gil: Sim. Pode ser decepcionante, mas posso falar. Primeiro, lembrem que Caeiro diz que “aprender é primeiro aprender a desaprender”. Ora, aprender a desaprender era o que fazia Deleuze imediatamente, porque ele nos confrontava com um pensamento que era paradoxal para nós. Nós aparecíamos ali ignorantes, sobretudo no início, não habituados com aquele pensamento novo que aparecia. Éramos levados imediatamente a uma diferença, ao desaprender aquilo

que nós tínhamos aprendido. Em segundo lugar, o Caeiro diz assim, em frases ou versos: “Amo-te por seres diferente, amo-te por seres uma pedra e não uma pessoa”. Quer dizer, a diferença é essa diferença que vai provocar a osmose profunda. Deleuze tinha uma capacidade absolutamente extraordinária de marcar a diferença, mas, ao mesmo tempo em que marcava uma diferença com o pensamento de outra pessoa, ele já ia desenhando o caminho de uma osmose, ele já ia fazendo esse caminho. Ele tinha uma frase, a única frase que eu, às vezes, faço minha em relação aos meus alunos, porque eu sei que ela tem um efeito extraordinário. E foi uma frase que ele empregou comigo, mas que devia empregar também com várias pessoas. Ele, em primeiro lugar, era das pessoas que eu conheci, ou talvez a pessoa que eu conheci que era mais capaz de esposar o interior do pensamento de alguém. Eu estava falando a ele sobre alguma coisa da vida em Portugal e, então, veio-me o pensamento: “Mas é impossível! Este homem é de formação francesa. O que ele pode perceber disso?”. E Deleuze, calmamente, continuou o meu pensamento! Continuou a expor o que eu queria dizer, ele, que nunca tinha ido a Portugal! Ou seja, ele estava em um movimento de pensamento tal que o meu próprio pensamento tinha uma espécie de curva que Deleuze continuava e que era possível porque ele tinha desposado o plano da curva interior, em que o meu pensamento estava... Assim, Deleuze entrava no pensamento como eu nunca vi ninguém entrar. E depois chegava a um ponto, em que estávamos a falar de um problema qualquer e Deleuze me dizia assim: “Você podia fazer isto e isto e isto e isto. E então isso é interessante para ...” Depois, chegava a um ponto em que ele dizia: “Olha, a partir daqui, só você é que pode pensar. Ninguém mais: nem eu, nem ninguém, só você”.

Educação & Realidade: Essa é a frase que o Sr. usa com seus alunos?

José Gil: Sim, e ela significa: aqui, você tem a sua diferença! E nessa sua diferença eu não entro, eu não posso entrar. E isso dá uma animação, no sentido profundo do estímulo ao pensamento para um jovem aprender. Eu também devo dizer que não faço isso como truque, mas que eu digo essa frase quando acho mesmo, e quando o aluno é capaz de fazer qualquer coisa que eu já não sei o que é.

Educação & Realidade: O Sr. acaba de descrever Caeiro e Deleuze como mestres da diferença não-relativa, que ensinam a aprender a desaprender os sentidos e os pensamentos constituídos, como aqueles mestres que constantemente são outros e devém-outros, de modo que o contacto com eles transforma todos os que lhe falam e ouvem. Há também muitas páginas de seu livro [*Diferença e negação...*] que, além da questão do mestre, tratam das relações entre ele e os discípulos. Gostaríamos, agora, que enfatizasse o lugar dos discípulos, dos alunos-estudantes, no caso da Educação, já que o Sr. mostra, em seu livro, que eles têm “uma face territorializada e outra desterritorializante, nômade” (p. 68). Poderia falar mais sobre essas duas faces de um discípulo-aluno, pensando na Educação?

José Gil: Isso é muito difícil, muito complexo e tem a ver com o que estávamos falando. A face desterritorializante é a face que começa a partir do momento em que eu, professor ou professora, já não posso dizer mais nada, quer dizer, que eu já não posso mais ser seu mestre. É quando dizemos: “Agora, você vai ter que inventar o caminho pelo qual você vai ser o seu próprio mestre”. Algumas filosofias orientais têm esse discurso. A face territorializada de cada aluno vem, Pessoa diria, por contraste, de ele continuar a ser discípulo, da relação frustrada ao mestre que os heterônimos pessoanos têm entre si. O que faz com que Álvaro de Campos seja um falhado e se diga, ele próprio, como um falhado. É por relação, não aos homens práticos e que triunfaram, não só aos napoleões, mas também a alguém que está sempre como mira máxima, que é o próprio Caeiro. Nesse ponto, os discípulos-alunos se territorializam e sedentizam constantemente, repetem-se, mas repetem-se no mau sentido, neuroticamente.

Educação & Realidade: E a outra face, a desterritorializante, a face nômade?

José Gil: Essa é a face da singularidade própria de cada um, de cada heterônimo, de cada aluno. A face que é uma das características do ser heterônimo, em que cada heterônimo diz: “Eu sou múltiplo, eu próprio sou múltiplo”. Quer dizer, um heterônimo define-se também pela capacidade de devir completamente outro que ele mesmo. E Pessoa (Deleuze também) costumava fazer isso, como vocês sabem.

Educação & Realidade: Gostaríamos de retomar uma questão que também parece central naquilo que o senhor escreve, sobretudo, utilizando Deleuze, fazendo alguma dessas transposições da qual falávamos anteriormente, que é a noção de plano de imanência. Uma noção, inclusive, que passa por uma série de transformações em termos de nome e que, no caso do seu livro *Diferença e negação...*, é dotada de uma certa naturalidade de conexão, que o Sr. faz tomando essa noção de Deleuze, e que é a conexão entre vida e pensamento. Parece que o plano de imanência tem a ver com essa conexão entre vida e pensamento, mas, no caso desse livro, nós estamos vendo um plano intelectual, que está lidando na área do pensamento, já que é um livro sobre poesia de autores ou de heterônimos que escrevem. No seu livro *Movimento total: o corpo e a dança* [Lisboa: Relógio d’Água, 2001], o Sr. retoma a questão do plano de imanência de forma insistente, nos vários comentários sobre diversos coreógrafos, vários teóricos da dança, etc., e parece que o senhor a retoma de uma forma, talvez mais exemplar, do que a forma como aparece no livro sobre Pessoa, talvez, muito mais ligada à vida do que ao pensamento, ou um plano de imanência que integra muito mais a vida. Enfim gostaríamos que o Sr. comentasse a sua utilização desse conceito, tão difícil, de plano de imanência.

José Gil: Não que na dança o plano de imanência seja mais importante do que, por exemplo, na poesia. O que me interessa é que o plano de imanência, o ter

acesso ao plano de imanência, o entrar na imanência, o mergulhar na imanência é alguma coisa imediata para um bailarino. É só por isso. Quer dizer, quando falamos a palavra imanência, ou quando, de maneira simples, explicamos o que é um plano de imanência para os bailarinos, eles aprendem logo, eles compreendem logo, não são necessárias grandes especulações para que eles saibam o que é um plano de imanência. Eu citei isso em um texto, não sei se lembram do Cunningham [Cap. 1, p. 31-55 de *Movimento total...*], sobre a fusão que é a imanência, a imanência pura e simples. Cunningham diz que os bailarinos são capazes de passar horas de esforço, horas em que há sofrimento, em que há transpiração, ou em que há o forçar de gestos, etc., para chegar a um instante somente, que é o instante de imanência. Esse instante de imanência é o instante da dança, como se eles não tivessem dançado antes, como se eles não tivessem que preparar tudo, embora eles já estivessem na imanência, como diz Deleuze, nos *Mil platôs*. Quer queiramos, quer não, nós estamos desde sempre com um pé na imanência se nós desejarmos, e nós desejamos a imanência, a menos que soframos da ausência de desejo. A imanência é um plano, através do qual se pode compreender uma crença (não é esta a palavra) de muitos bailarinos, que nunca leram Deleuze, nunca ouviram falar em imanência, e que dizem todos da maneira mais aparentemente absurda: “Eu não estou só a dançar, eu estou a pensar”. Dançar é pensar. Eu ensinei em uma escola de dança e vocês não calculam como essa convicção é espalhada. Eles e elas estão convencidos de que dançar é pensar...

Educação & Realidade: Nessa escola de dança, o Sr. ensinou filosofia?

José Gil: Eu ensinei estética, e nessa disciplina sobre estética eu introduzi a estética da dança quando podia. E eles compreendiam logo o plano de imanência.

Educação & Realidade: Nós, que somos pesados, pouco bailarinos, é que temos mais dificuldade para entender a imanência. Em seu livro *Movimento total...*, isso fica muito claro, pois o Sr. mostra como a dança e o que acontece com o bailarino é algo que flui realmente sobre o plano, quer dizer, não é à toa que o senhor encontra essas relações e escreve esses textos que falam disso.

José Gil: Por exemplo, os bailarinos estão sempre, falando corriqueiramente, entrando em um estado que poderia parecer de inconsciência, pois, dançar é abolir um superego qualquer, é abolir a consciência refletida que comanda todos os nossos movimentos. Pelo contrário, abolir essa consciência refletida, superegógica, implica um tipo de consciência, que vai se colar àquela que eu chamei “consciência do corpo”, que vai colar ao corpo, e que vai ser definida pelo que eles vivem constantemente. Por exemplo, eles vivem, o que eles chamam, a situação da energia passando e fluindo pelos seus membros. Essa é uma terminologia da qual eles gostam muito, mas que não sabem explicitar. O que é energia? Eles sabem que não é força, que é outra coisa. Chegam a uma idéia de

“força espiritual”, que é muito interessante neles, quando há conversas selvagens com eles. A idéia é a de que quando é eliminada a consciência paralisante, e que você pode então deixar fluir a energia, é aí que, ao mesmo tempo, se está a pensar, quer dizer, que há um sentido, há um sentido que é pensamento e que se está a pensar com o corpo. Tenho a impressão que pode ser mais fácil de compreender para nós desse modo: na dança, há um plano, no qual não há diferenças entre exprimir um sentido, e que por ser sentido é incorpóreo, imaterial, e, ao mesmo tempo, desenhar ou desenrolar um movimento no espaço com o corpo. É a mesma coisa.

Educação & Realidade: O que o Sr. chama “corpo do pensamento”?

José Gil: Isso mesmo. “Corpo do pensamento” que é uma noção um tanto bárbara, mas na qual eu me apoio muito porque ela me parece perfeitamente efetiva, operativa, e que parece ser utilizada por nós próprios sem que nos demos conta disso. Quando se entra numa corrente de pensamento, quer dizer, quando nós – comparando com a dança – queremos mesmo apurar qualquer coisa do ponto de vista do pensamento e é difícil e laborioso às vezes, em outras vezes, isso não ocorre, ou mesmo que não seja laborioso, que as associações venham imprevisivelmente, não se sabe como ainda não se entrou no movimento em que você é pensado, em vez de ser alguém a pensar. Você é pensado, portanto, é levado por esse movimento. Quando é levado e quando é pensado, então, o seu pensamento tornou-se um corpo de pensamento. Quer dizer, você sabe do seu espaço de pensamento tão bem como o corpo sabe do seu espaço no mundo. E não tenho que calcular para fazer cócegas aqui, para coçar aqui, eu já sei que tenho de coçar.

Educação & Realidade: É como dar cambalhota?

José Gil: É a questão da cambalhota.

Educação & Realidade: Muitos de nós estudamos e pesquisamos sobre a infância contemporânea, por isso, cabe formular a “questão da infância”, já que ela tem centralidade, em sua leitura de Pessoa *com* Deleuze. Uma centralidade que o leva a afirmar que a passagem pela infância é a condição necessária ao devir-outro incessante, que atravessa toda a poesia de Pessoa, o qual “de cada vez que constrói um heterônimo, tem necessidade de mergulhar na infância” (p. 53, *Diferença e negação...*). Queremos perguntar-lhe se, para a sua produção, esse mergulho, essa passagem pela infância tem importância, se o Sr. tem um devir-infância articulado ao devir-criança do sujeito de sua escrita? Para o Sr., o agenciamento de um devir-outro supõe um devir-infância, articulado ao “bloco de infância”, na acepção deleuziana, como o cruzamento do devir-criança do adulto com o devir-adulto da criança, e funciona como um dispositivo de transformação de sua produção? Em sua produção, a infância, como para Pessoa, também é um mapa, fora de Cronos, que lhe permite criar diversas emoções, um

plano construído, onde todos os devires adultos são possíveis? Nela, como quando trabalhou com os monstros, com o corpo, com a dança, com a Córsega, o Sr. reencontrou a infância e foi ela que lhe deu o poder de outrar-se, de brincar, de representar papéis?

José Gil: Bem, eu trabalhei muito nos meus seminários, que não são publicados, sobre a infância e sobre o devir-criança. Uma coisa é a minha infância, não sei o que eu posso tirar daí a mais do que o devir-criança, que me aparece quando eu penso e que me aparece como a todas as pessoas, ou por imagens ou por visões... Depois, há uma memória da infância que é uma memória sedimentada. Quer dizer, se por acaso você gosta de crianças e se sabe brincar com crianças, como tantas pessoas sabem, é porque há uma memória, e não uma memória de um objeto que ficou do passado. Não! A sua memória é viva. É uma memória viva do presente. Você pode devir-criança e devém-criança quando brinca com uma criança. Ora, acontece que uma criança está sempre a devir: a devir os objetos, a devir o mundo. A criança não é um ser empírico nem um ser transcendental. Ela está sempre nos dois caminhos. Quando a criança pega um avião e faz “brrrrrrrrrr”, a criança desposa o movimento do avião: ela é avião e não é avião! Este exemplo simples do devir faz com que eu possa pensar em muitos outros tipos de devires. E parece-me que o devir-criança em Pessoa é o ponto de partida para a construção dos outros devires.

Educação & Realidade: Andamos todos preocupados com a escrita. Em relação ao seu processo de escrever, a seu ato de escrever, gostaríamos de saber como o Sr. escreve? Como aquele sujeito da escrita “que assinava Fernando Pessoa” e que, no “dia triunfal” de “8 de março de 1914” escreveu os “trinta e tantos poemas” (p. 46, *Diferença e negação...*) de *O guardador de rebanhos*? José Gil escreve de um jato, imediata e totalmente, ou escreve por tentativas, até que irrompe, por exemplo, um de seus livros? Quais as condições pré-escriturais para que sua escrita seja escrita? Quais as condições para o seu devir-outro, pensador e escrevedor, o que ocasiona uma transformação em suas sensações e intensidades, que modificam a sua identidade no pensar e no sentir, o seu estilo, a sua escrita? O Sr. se despersonaliza ao escrever, torna-se outro, por meio da escrita? Tem um estilo, vários estilos, como são eles? Possui heterônimos ou personagens conceituais? Quando escreve, o Sr., como Pessoa, também inventa alguém dentro de si que escreve? O Sr. é o verdadeiro sujeito da escrita, mas simultaneamente outro? Qual o seu estado de espírito quando pensa-escreve? Quais as sensações que a sua escrita lhe faz nascer?

José Gil: Bem, isso é muitíssimo complexo para mim. Eu próprio não sei resolver porque eu escrevo em francês e escrevo agora em português também. E isso é todo um problema com a língua portuguesa e com a língua francesa que eu tenho. Mas o que eu posso dizer e que pode ser interessante? Para mim é tão evidente, mas isso é um caso talvez pessoal, que quando eu escrevo, eu me des-

subjetivo, como diria Foucault, é tão evidente, que eu nem penso nisso! Quer dizer, o meu eu é uma construção fragilíssima. O meu narcisismo secundário (do primário nada sei) é uma construção tipo “castelo de cartas”. Eu não me reconheço ao espelho. Até reconheço, mas são sinais, não há contaminação com a imagem do espelho. Ora, escrever significa que não é este eu, nem nenhum eu que escreve. Não sei, acho que estou dizendo banalidades, mas acontece que não sei quem escreve, serei eu, com certeza, mas um outro eu. Eu escrevi um livro há muito tempo que era “escrito” por uma mulher. Uma mulher que fala por ritmos. Foi publicada uma parte desse livro na revista *Minuit*, das edições *Minuit*, de Jérôme Lindon. Eu tinha enviado o manuscrito a Lindon e ele telefonou-me. A primeira frase de Lindon foi: “José Gil, c’est un homme ou c’est une femme”?. Bem, fica-se satisfeito, consegui alguma coisa, já que o homem não sabia se eu era um homem ou uma mulher. E depois eu tinha uma amiga que pertencia ao movimento lésbico, fortíssimamente feminina, muitíssimo inteligente, que me disse: “Olhe, eu gostei muito do seu livro. É pena ter sido escrito por um homem!”. Portanto, eu não sei sobre isso de heterônimos...

Educação & Realidade: Uma questão que volta um pouco para a discussão política, que talvez lhe traga recordações parisienses. Tocamos um pouco na questão política, mas queríamos explorar um pouco mais teoricamente a questão que Derrida chamaria de binarismo ou de dualismo, na obra de Deleuze junto com Guattari, que constitui uma quantidade imensa deles, que, talvez, seja uma das coleções mais extensas de toda literatura filosófica. Dá para ver *Mil platôs*, por exemplo, como estando todo ele organizado em torno de dualismos. Começa com árvore-rizoma, no primeiro platô e termina, lá no quatorze com a distinção entre liso e estriado, passando por mil outros. Obviamente, a questão do dualismo, a crítica do dualismo é a grande crítica tanto epistemológica quanto política, e tem implicações políticas. No caso de Deleuze, não passaria apenas pela oposição, nem pela negação, nem pela dialética, que são todas recusadas, mas pela diferença mesmo. E aqui, faremos menção a uma brincadeira que um autor francês, que se chama Jean-Claude Dumoncel escreveu, em um livro chamado *Le pendule du Docteur Deleuze* [Paris: Cahiers de l’Unébévue/E.P.E.L., 1999], quando ele diz: “Quando um anarquite como Deleuze encontra um arqueonte como Foucault, o que é que eles se falam?”. Isso nos leva a comparações que o próprio Deleuze fez com Foucault, a respeito de como eles tratam a política e, sobretudo, a questão do poder. Quer dizer, repetidamente Deleuze se comparava com Foucault a esse respeito, dizendo que, enquanto para Foucault, o poder era primeiro, para ele o que era primeiro era a fuga, a desordem, o não-poder. O problema não era dos que estavam fora do poder, o problema não era a resistência, mas o problema era do poder em termos de conter a fuga. Daí a quantidade de metáforas hidráulicas que Deleuze usa: vazamento, fuga, etc. Então, a nossa questão é como, na sua visão Deleuze, em *Mil platôs*, junto com Guattari, resolvem essa questão dos dualismos. Se os dualismos cumprem uma função política

e qual é a diferença que isso faz em termos da análise e da prática política, sugerida, por exemplo, pela teorização de Foucault?

José Gil: É uma pergunta aparentemente e não sei se realmente pertinente, tanto que muitos a fazem, que a própria Claire Parnet, já não sei em que circunstâncias, reenviou-a a Deleuze, dizendo: “Mas tu quiseste libertar-nos dos dualismos e encheste-nos ainda mais de dualismos!”. Eu acho que há aí um mal entendido, que é o seguinte: o dualismo aparece quando os dois pólos do dualismo se situam no mesmo nível e, sobretudo, na mesma escala. Ora, acontece qualquer coisa de estranho, é que realmente a apresentação dos termos duais de Deleuze, em *Mil platôs*, como rizoma-árvore, aparecem e apresentam-se numa escala – poderíamos empregar a palavra – macroscópica, que Deleuze e Guattari chamam de molar. Parece-me que há sempre um pólo que se opõe a uma escala molar e que está deslizando, que, de início, está na escala molar e, portanto, no mesmo nível que a árvore, o rizoma está no mesmo nível da árvore, digamos assim, quase como uma figura. Simplesmente, enquanto há um pólo, que é o pólo do pensamento, da desterritorialização, há um outro pólo que está sempre deslizando para uma escala microscópica, molecular. E, nesse caso, desaparecem os dualismos. Quer dizer, não há uma simetria no dualismo, portanto, não há o verdadeiro dualismo. Por que se o pensamento de Deleuze fosse um pensamento dualista, como parece ser, então, nós voltaríamos ao velho pensamento da tradição filosófica que ele critica! Ora, ninguém ainda fez isso, exceto, malevolamente, como Alain Badiou pretendeu fazer, malévola e falsamente. E foi um fracasso, no meu entendimento.

Educação & Realidade: Há, então, em Deleuze e Guattari, uma solução do dualismo que difere da dialética, sobretudo, e que vai nessa direção que o Sr. aponta?

José Gil: E que não é propriamente uma solução. Não é solucionável. É a entrada no movimento, que não é um movimento dialético...

Educação & Realidade: Vamos lhe fazer a última pergunta. Nós vamos abrir o Dossiê com o suposto último texto de Deleuze, *Imanência*: uma vida... Pelo menos no Brasil, este texto não foi traduzido ainda, então, o Dossiê será aberto com esse texto (bilíngüe). Parece que um texto, que é quase uma síntese do pensamento de Deleuze. E como o senhor também menciona esse texto sobretudo naquele seu artigo [Uma reviravolta no pensamento de Deleuze. In: ALLIEZ, Eric (Org.). *Gillez Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 65-83] do Colóquio de Paris, organizado por Alliez, gostaríamos que o Sr. falasse um pouco, pessoalmente, sobre a importância e sobre o sentido desse texto tão extraordinário.

José Gil: O que eu penso desse texto? No fundo, eu penso que esse texto é o texto, talvez, vamos dizer, equivalente ao quinto livro da *Ética* de Spinoza [São

Paulo: Abril, 1983 (Os pensadores)], na filosofia de Deleuze. Quer dizer que é aquilo que ele anuncia na primeira página do *O que é a filosofia?*: o acesso a uma serenidade que somente a velhice pode dar e uma extrema liberdade, que Deleuze não dá nesse livro, que ele não tem e que, possivelmente, ele não tem e não dá porque lhe aparece o Guattari. Quando ele começou sozinho a escrever *O que é a filosofia?*, o Guattari apareceu e Guattari era um homem de uma inteligência extraordinária, de uma agitação extraordinária, e era um outro homem. Essa é uma idéia, que pode ser falsa. Mas, em todo caso, *O que é a filosofia?* não dá essa aparência de serenidade que Deleuze anuncia no princípio. Ora, *Imanência: uma vida...* aparece como um texto de apaziguamento, mas de apaziguamento no sentido da beatitude do quinto livro da *Ética*. E é precisamente essa a idéia que eu sempre tive desse texto. E é mais ou menos o que posso dizer-lhes, para não entrarmos no comentário do texto.